

# CORPO E DISCURSIVIZAÇÃO DA MULHER NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS DA DÉCADA DE 50

**Palmira Heine**

Universidade Estadual de Feira de Santana

**Resumo:** O referido artigo objetiva, a partir da análise de reportagens que circularam na década de 50 na Revista feminina *Jornal das Moças*, analisar o processo de construção discursiva da feminilidade, a partir da docilização e disciplinarização do corpo feminino, pra atender aos padrões estéticos da época. Tendo como base a Análise de discurso pecheutiana, que trabalha com a opacidade da língua, e recorrendo brevemente a conceitos de Foucault, pretende-se debater o fato de que os sentidos sobre a mulher e feminilidade são moldados a partir de do funcionamento ideológico que normaliza os sentidos sobre o feminino, colocando a mulher em condição de natural fragilidade e, conseqüente submissão/desigualdade em relação ao homem.

**Palavras-chave:** Corpo; Mulher; Análise de discurso.

**Abstract: Body and woman in discursivization decade review journal of young women 50.** This paper aims to analyze texts that circulated in a women's magazine called “*Jornal das moças*”, in the 1950's years. The focus of this paper is to analyze the discursive construction of femininity process, in texts and images selected. Based on the contributions of French discourse analysis by Pecheux, and also using some concepts of Foucault, we intend to discuss the way that the women and femininity are shaped from the ideological operation putting the woman in natural fragile condition and in consequent inequality in relation to man.

**Keywords:** Woman; Magazine; Discourse analysis.

## Introdução

O referido artigo objetiva, a partir da análise de reportagens que circularam na década de 50 na Revista feminina, *Jornal das Moças*, analisar o processo de construção discursiva da feminilidade, a partir da docilização e disciplinarização do corpo feminino, pra atender aos padrões estéticos da época. A década de 50 do século XX foi um

período em que houve grande desenvolvimento econômico no Brasil, sendo um momento em que as mulheres se inseriam ainda timidamente no mercado de trabalho. No entanto, apesar dessa inserção, era claro o modo de funcionamento da ideologia na constituição do sujeito mulher, na docilização do seu corpo, a partir da obediência a padrões que a faziam ser uma mulher “bela” ou uma “verdadeira mulher”.

O corpo da mulher considerada “bela” deveria, portanto, obedecer a padrões que a colocavam no rol das mulheres elegantes e desejadas socialmente. Para procedermos à análise, utilizaremos a Análise de Discurso de vertente francesa, com foco em Pecheux (1997) para mostrarmos como a feminilidade é discursivizada, recorrendo, esporadicamente também a algumas idéias de Foucault (1987) sobre a disciplinarização dos corpos no processo de constituição dos sujeitos.

### De onde falamos?

Surgida na década de sessenta do século XX, a Análise de Discurso de linha francesa, mais precisamente a vertente pecheutiana, pretendeu colocar para a linguística questões das quais ela tentava se esquivar, dentre elas, a questão do sentido e da historicidade como base para a compreensão da linguagem, além de trazer à tona noções relativas ao sujeito e a ideologia. Nas palavras de Orlandi (1994), é possível afirmar que a Análise de discurso pecheutiana pretende:

colocar questões para a Linguística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, a do sujeito e a do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam. (ORLANDI, 1994, p. 54)

Desse modo, é plausível afirmar que para Pêcheux, era necessário construir um dispositivo teórico/analítico que pudesse contribuir para uma "mudança de terreno" que fizesse “intervir conceitos exteriores à região da linguística atual”. (PÊCHEUX, 1997, p. 73). Ao se constituir a partir do final da década de 60, a AD materialista situa-se no pós-estruturalismo, redefinindo noções postuladas por Saussure e pelo materialismo, trazendo à tona a ideia de que o próprio sistema linguístico é constituído pela falha e equívoco, costurando a intrínseca relação entre língua e exterioridade.

A instituição da Análise de Discurso (AD) na França se constitui como um entremeio,

envolvendo três diferentes regiões do conhecimento, quais sejam: o materialismo histórico, como a teoria das formações sociais e suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo, e também a teoria do discurso, como teoria da determinação dos processos históricos. Além disso, alia alguns princípios da psicanálise, principalmente a noção de inconsciente, que será uma das bases para a constituição do sujeito.

A noção de entremeio é extremamente importante quando se pensa em Análise de Discurso materialista. Longe de ser um acréscimo à teoria linguística como se fosse possível unir língua de um lado e contexto do outro, a AD pecheutiana representa uma mudança de terreno, ou seja, a instauração de um novo espaço teórico que vai fazer convergir língua, história e ideologia. Pêcheux redefine algumas ideias saussurianas, redefine a noção marxista de ideologia e retoma a noção de inconsciente para criar um novo lugar, um lugar de entremeio.

Da teoria linguística, Pecheux (1997) bebe na fonte estruturalista, recortando da mesma a teoria Saussuriana, buscando ampliá-la, a partir do questionamento da ideia de homogeneidade e autonomia completas da língua proposta por Saussure. Pêcheux reconhece que a língua é um sistema, dotado de regras próprias, mas, pautando-se, sobretudo, na teoria do valor postulada pelo mestre genebrino, afirma que o próprio sistema linguístico não é completamente autônomo, e que a questão do sentido não se resolve levando em conta apenas as regras de combinação e oposição entre os signos presentes no próprio sistema. Ao contrário: o sistema linguístico é, ele mesmo, sujeito ao equívoco, uma vez que o sentido das palavras pode sempre ser outro, sempre desliza, sendo sempre marcado pela metáfora. Daí a afirmação pecheutiana de que a língua "constitui o lugar material onde se realizam os efeitos de sentidos" (Pêcheux, Fuchs, 1997, p.172). Os sentidos são gerados a partir do modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia, pressupondo, assim, uma relação

entre a língua e seu exterior. Assim, a língua é o veículo no qual se materializam os efeitos ideológicos, é a partir dela que os sujeitos se constituem como tais, interpelados pela ideologia.

Da teoria das ideologias, Pêcheux se debruça, inicialmente, sobre as ideias de Althusser, quando o referido teórico fala dos Aparelhos ideológicos do Estado, concebendo a ideologia como mola mestra da constituição dos sujeitos e dos sentidos. O autor se debruça sobre o materialismo histórico, retomando a noção de superestrutura ideológica. Ele não concebe a ideologia como simples conjunto de ideias, mas afirma que esta tem uma "materialidade específica", e que tal materialidade está relacionada à materialidade econômica; É a ideologia que faz com que o sujeito, sem se dar conta disso, possa ocupar um determinado lugar na esfera dos grupos sociais vigentes.

Da psicanálise, a partir de uma releitura de Lacan, problematiza a noção de sujeito como constituído pelo inconsciente, deslocando a ideia cartesiana que concebia o sujeito como marcado pela consciência total. O inconsciente constitui o sujeito que não pode mais ser visto como sujeito onipotente, do "penso logo existo", mas deve ser visto como marcado por vozes e discursos sociais que estão armazenados no inconsciente. O sujeito não se dá conta que está sendo marcado pelo inconsciente e acredita que é a origem do dizer. Pêcheux e Fuchs, desse modo, afirmam que a interpelação do indivíduo em sujeito se dá:

(...) de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (PECHEUX e FUCHS, 1997, p. 166).

O funcionamento da ideologia se dá a partir do interpelar do sujeito, ou seja, a partir do assujeitamento desse sujeito à língua e da interpelação do mesmo, fazendo com que ele ocupe determinado lugar na estrutura social, lugar este que é refletido no discurso. Não existe discurso sem ideologia, pois não há

uma relação direta entre realidade e linguagem, esta última é opaca e marcada por fatores de ordem ideológica. É a ideologia que constitui os elementos do discurso. Não existe sujeito fora da ideologia, pois, para se constituir como tal, é preciso ser desde sempre interpelado, desde sempre constituído por ela. Segundo Orlandi (1994)

A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação. Não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma dessa relação se faz pela ideologia. (ORLANDI, 1994, p. 56)

Sendo assim, a língua, compreendida à luz da discursividade não é um simples sistema formal, mas é, ao contrário disso, marcada de modo inexorável pela exterioridade que a constitui. Quando o sujeito enuncia, está em jogo uma gama de sentidos que não são originados nele, mas que são construídos historicamente, derivados do já-dito. A atividade discursiva pressupõe uma relação que não tem, de direito, início, uma vez que os enunciados se ligam sempre a enunciados anteriores, eles estão sempre em relação com o "já-la", com o pré-construído.

O discurso sempre se conjuga a partir do já-dito, sendo constituído a partir do interdiscurso, que funciona como a base, o pano de fundo do processo discursivo, ou seja, do que se chama de intradiscurso: o nível da formulação, o fio do discurso. Por interdiscurso se entende o conjunto do todo complexo com dominante (Pêcheux, 2009) de formações discursivas, ou seja, o conjunto de tudo o que já foi dito e esquecido que constitui a base da atividade discursiva. Assim, é possível afirmar que as formações discursivas derivam do interdiscurso e são dele dependentes, o que permite a compreensão da ideia pecheutiana que todo discurso se conjuga a partir de um já-dito.

Nas palavras de Pêcheux:

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o

papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar proveito.” (PÊCHEUX, 1997, p.77)

Buscando afirmar o fato de que as estruturas linguísticas não podem ser vistas isoladamente como propunham as teorias formais, Pêcheux mostra a importância de se colocar em relação a língua com o que ele chamou de condições de produção. Assim, o referido autor mostra que um mesmo enunciado, palavra ou frase, pode ter seu sentido modificado a partir de condições de produção diferentes. Ao comentar sobre as condições de produção e o modo como estas interferem na geração de sentidos dos enunciados, Pêcheux falando sobre o discurso de um deputado, afirma que o mesmo pode ter sentidos diferentes em condições de produção diversas, a depender do lugar que ele ocupa. Para Pêcheux o que o sujeito diz:

(...) não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa, a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. (PÊCHEUX 1997, p. 78)

Como se pode notar, o sentido não está nas palavras nem nos sujeitos, mas deriva das posições ocupadas por tais sujeitos no discurso. Os sujeitos, apesar de terem ilusão de que são origem do dizer, efetivamente não o são. Ao contrário, os processos discursivos se realizam através sujeitos, mas esses não são responsáveis por criar intencionalmente sentidos, nem têm o poder de controlá-los. Os sentidos se realizam nos sujeitos porque se relacionam com a posição ideológica que os mesmos ocupam. Essa posição remete a uma inscrição ideológica que faz com que se diga de determinada forma ou de outra, que as palavras ditas signifiquem de determinado modo ou de outro. Os sujeitos não são os primeiros a dizerem algo, eles se submetem

aos sentidos que já existem, mas também, podem ressignificar esses já-ditos, colocando-se no jogo polissêmico da linguagem.

Partindo-se do princípio de que os sentidos das expressões linguísticas são derivados das formações discursivas nas quais essas expressões se inserem, é possível inferir sobre os sentidos da ideia de mulher nas reportagens analisadas. Os mesmos não se restringem a um conceito dicionarizado, mas ganha novas nuances ligadas ao momento histórico em que as revistas circularam. Tal fato revela que o sistema linguístico não é completamente autônomo, e que entender a língua como sistema estritamente formal não é suficiente para explicitar as relações de sentido na mesma. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 169) já diziam que "o sentido de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe essa sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva". Tal afirmação já revelava ideia pecheutiana de que a língua é um sistema que não possui completa autonomia, pois é constitutivamente marcada pela história e pela ideologia. Os sentidos, portanto, não são preexistentes às estruturas linguísticas nem são presos às palavras. Assim, Pêcheux assevera:

[...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas [...] (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147).

Como já foi dito anteriormente, todo discurso é ideológico, porque não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Então, é possível afirmar que os gêneros jornalísticos, dentre eles as reportagens, veiculam ideologias diversas, funcionando como grandes instrumentos de difusão ideológica que têm como função "naturalizar" os sentidos e também homogeneizar as diferenças sociais, pretendendo difundir a ideia de homogeneidade e naturalidade das relações sociais.

Algumas ideias de Foucault (1987) também serão de interesse nesse artigo, principalmente as que dizem respeito aos processos de docilização e disciplinarização dos corpos. A partir da disciplinarização, o sujeito fica submetido a formas de controle do corpo, sendo tais formas ligadas a uma determinada norma que visa controlar os corpos e, conseqüentemente, controlar os sujeitos. Assim, através de exercícios de adestramento, o sujeito entra na normalidade e é discursivizado a partir de seu corpo.

Ao abordar a questão da disciplina, o referido autor chama a atenção para o fato de que é através dela que o corpo dos sujeitos é “fabricado”, tornando-se dócil e submisso às regras da sociedade. Assim, o modo de construção do corpo também faz parte da construção do sujeito no jogo das relações sociais de poder. Desse modo, são esmiuçadas regras, regulamentos, normas, que, a partir de inspeções sociais, objetivam fazer com que os corpos se adequem à “normalidade”. Segundo Foucault (1987) o controle do corpo:

implica uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais do que sobre seu resultado e se exerce sobre uma codificação que esquadrinha, ao máximo, o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem um controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças, e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 1987, p. 109).

A disciplinarização implica, então, o controle do corpo, dos gestos, dos movimentos e do espaço-tempo no qual os sujeitos se inserem. A coerção é a base desse controle, uma vez que o sujeito é coagido a se adequar às normas pelo exercício e pelo controle dos gestos, a partir da adoção de técnicas de repetição e treinamento. Tais técnicas são adotadas por instituições diversas como escolas, famílias, igrejas, oficinas, instituições militares, dentre outras.

A disciplina implica também uma adequação dos movimentos e gestos ao

tempo, o que supõe treinamento, rotina, repetição. Segundo Foucault:

um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica- uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro da ponta do pé à extremidade do indicador. (FOUCAULT, 1987. p. 120)

A rotina, por sua vez, é obtida através da repetição de exercícios e regras para a execução de uma tarefa, pressupõe treinamento mecânico para a homogeneização dos corpos. Assim, os modos de agir, de realizar algo, a enumeração de passos e sua seqüência de realização, são importantes para o estabelecimento da disciplina. Foucault (1987) afirma ainda que a disciplina fabrica sujeitos, adestrando-os. O adestramento é um modo de se exercer mais facilmente o poder, e, conseqüentemente, de dominar os sujeitos de modo mais efetivo.

O sucesso do adestramento e da disciplina, então, depende de uma relação hierárquica e de sanções normalizadoras. Aquele que não seguir as normas sofre sanções, é excluído, ridicularizado, mal visto ou ainda colocado à margem da sociedade. É a partir da sanção que os modos de coerção tornam-se visíveis para os sujeitos. São criadas, portanto, técnicas de vigilância e controle dos sujeitos, a fim de que se possa punir aquele que não se adequa ao processo de adestramento. Dessa forma, os sujeitos são construções derivadas das relações de poder que passam também pela domesticização dos corpos.

A partir do que foi abordado anteriormente, interessa-nos observar os diversos modos de construção discursiva da mulher na década de 50 na revista *Jornal das Moças*, observando o modo de funcionamento ideológico sobre a feminilidade e analisando o modo de construção dessa mulher, a partir da domesticização e docilização do seu corpo, principalmente no que se relaciona ao modo de andar. Para ser considerada uma “mulher de família”, era preciso controlar o corpo, os gestos, andar de determinado modo. Para isso, seria necessário treinamento a fim

de aprender as técnicas “do bom andar”. Isso indica um funcionamento ideológico que coloca a mulher no seu devido lugar, classificando como belas ou elegantes aquelas que aprendessem as técnicas do “bom andar”. Essas questões serão analisadas mais adiante.

### A revista como veículo ideológico

Partimos do princípio, nesse artigo, de que as revistas fazem parte dos Aparelhos Ideológicos do Estado, funcionando como um dos elementos dos Aparelhos ideológicos da informação. Althusser (1998) afirmava que os Aparelhos ideológicos do Estado funcionam prioritariamente pela ideologia, enquanto que os Aparelhos repressivos do Estado funcionam primordialmente pela violência<sup>1</sup>. Assim, cabia aos Aparelhos ideológicos do estado a reprodução da ideologia dominante, que funcionava como uma espécie de “cimento social”, homogeneizando sujeitos.

As revistas femininas que circulavam na década de 50, não eram simples veículos de informação, mas funcionavam como veículos difusores de ideologias, sendo utilizadas na educação de mulheres da época. Essas revistas, inclusive a que estaremos analisando, o *Jornal das Moças*, traziam conselhos de moda, beleza, comportamento da mulher, propagandas de eletrodomésticos e móveis, dicas para ser uma boa mãe e uma boa dona de casa, conselhos para manter o casamento, receitas, novelas. A análise dos temas ali abordados já revela um posicionamento ideológico que constitui a noção de feminilidade nas referidas revistas: o mundo feminino girava ao redor desses temas, considerados “adequados” para as mulheres. Não há discussão sobre questões políticas, sociais ou econômicas, apesar do Brasil estar passando por um grande período de desenvolvimento econômico e social, na década de 50. Assim, as revistas transmitiam a ideologia dominante sobre o que era “ser

mulher”, colocando-as num lugar diferente dos homens.

Segundo Bassanezi (2008, p. 609), as revistas femininas funcionavam como: “conselheiras, fonte importante de informação e companheiras de lazer - a TV ainda era incipiente no país -, as revistas influenciaram a realidade das mulheres de classe média de seu tempo (...)”. Sendo assim, os conselhos que traziam sobre comportamento, vida doméstica, maternidade, dentre outros, eram seguidos à risca por aquelas que queriam ser bem vistas socialmente. Surgida em 1914, a revista *Jornal das Moças* circulou até 1961, com edição semanal, dirigindo-se, principalmente às moças da classe média brasileira.

A representação feminina na época girava, então, sobre a ideia de mulher como “rainha do lar”, sendo os temas relacionados ao mercado de trabalho (que elas começavam a ocupar) discutidos timidamente e ainda de maneira bastante superficial. Assim, a ideologia da mulher como essencialmente afeita ao lar, ao casamento e à maternidade era amplamente difundida nas revistas, em contraposição às representações masculinas, uma vez que os homens eram considerados como “chefes de família”, provedores, cabendo a eles o trabalho fora de casa e o sustento da família.

O funcionamento ideológico que colocava a mulher essencialmente na esfera doméstica poderia ser notado inclusive nas propagandas que circulavam nas revistas. Havia propagandas de cosméticos, produtos para o lar, produtos para crianças e bebês, cursos profissionalizantes que permitiam que a mulher estudasse sem sair de casa, sendo comuns nos anúncios direcionados às moças, com cenas de casamento, de noivos ou ainda com a apresentação de mulheres no ambiente doméstico, como mães ou cozinheiras.

<sup>1</sup> Apesar de afirmar que os aparelhos ideológicos do Estado funcionavam primordialmente através da ideologia, e os Repressivos funcionavam a partir da violência, o autor deixa claro que tanto um quanto outro possuem um duplo funcionamento: funcionam pela ideologia e pela violência.

Menções às diferenças entre homens e mulheres, atribuídas exclusivamente a fatores biológicos também eram comuns nas revistas. Assim, apresentava-se a mulher como emotiva e sensível, sendo representada como “sexo frágil” e o homem como forte e viril, sendo representado como “sexo forte”, elemento que já revela um funcionamento ideológico de diferença natural entre homens e mulheres. Os conselhos de como se tornar uma mulher passavam pelo modo de se vestir, de agir no meio de homens, de se comportar em ambientes públicos e, até mesmo de andar. A seguir serão analisadas duas reportagens que ensinavam como andar para se tornar uma mulher de família, bem vista socialmente.

### O corpo constituindo a feminilidade na revista jornal das moças

A reportagem a seguir foi retirada da Revista Jornal das moças de outubro de 1952. Nela, ensinava-se às mulheres como andar com elegância, a fim de se tornarem atraentes e bonitas. Regras do bom modo de andar eram detalhadas na reportagem, cuja autoria não é indicada, o que pressupõe que seja a voz da revista falando. A reportagem está acompanhada da seguinte imagem:



Figura 1 - Fonte: Jornal das Moças Outubro 1952

### COMO ANDAR GRACIOSAMENTE

A elegância de uma mulher é marcada pela sua boa linha, harmonia de toalete e, também, muito especialmente, pelo seu modo de andar. A importância desse fato não deve escapar a nenhuma mulher.

Um andar gracioso exige uma facilidade de adaptação ao momento, um estado de espírito diferente, segundo aquele que anda a largas passadas ao ar livre envergando um tailleur esporte, ou uma pessoa que desliza sobre um assoalho encerado envergando um belo vestido de noite.

Para ter seus movimentos livres, uma mulher deve ter as pernas ágeis, os tornozelos leves, os pés em perfeito estado. Durante a toalete, você fará bem em esfregar os pés com uma esbóva, a fim de ativar a circulação do sangue e desembaraçar a pele das células mortas.

Notando que a má circulação tem repercussões incômodas nos tornozelos e que o tratamento externo não é eficaz nestes casos, procure logo tomar as providências necessárias. As glândulas precisam de um tratamento especial que somente um médico pode fazer.

Esfregar pedra-pomes na pele dos pés é muito recomendável para evitar o engrossamento da epiderme, o qual se produz particularmente nos pés, no lado externo do calcanhar, na altura do contraforte do calçado.

A extremidade das unhas deve ter uma forma arredondada, nem muito longa, nem muito curta. São as unhas mal cortadas, mal limadas, que ficam encravadas. As massagens são muito boas, se forem feitas com um creme oleoso. Tome os pés entre o polegar e os quatro dedos da mão e, alternativamente, com uma das mãos, pois a outra deverá massagear o pé, passe os dedos sobre o tornozelo. Massageie igualmente o tornozelo e o calcanhar.

Figura 2/Exemplo 1 - Fonte: Jornal das Moças, outubro de 1952

Iniciaremos a análise refletindo sobre a imagem. Nela aparece uma perna feminina, exposta aos cuidados estéticos em frente a um espelho de banheiro. Em primeiro lugar, cabe observarmos que nessas revistas, havia uma repetição, que indica uma importante regularidade na atribuição de sentidos sobre a mulher: a ligação entre a mulher e a estética. O modo de funcionamento discursivo que concebe a feminilidade na época, passa pela ligação direta entre a feminilidade e o cuidado com a estética, com a beleza. Cabe nos perguntarmos o porquê dessa preocupação ser sempre atrelada à mulher e não ao homem, no período analisado. Tal reflexão nos faz retomar os já-ditos sobre a mulher, já estampados em revistas de décadas anteriores de que à mulher cabia a preocupação com a estética a fim de se tornar atraente para o homem. Essa preocupação se dava, sobretudo, pelo fato de que o casamento era supervalorizado e, para atrair pretendentes aptos a serem seus futuros maridos, as mulheres precisavam se preocupar e cuidar da aparência.

A reportagem traz um tom de conselho e lista os passos que devem ser dados na direção de um andar elegante. O título da mesma já indica o objetivo ali presente: fornecer uma receita sobre como andar de modo gracioso, tornado-se, portanto, atraente. Podemos observar o funcionamento ideológico que constitui a representação da mulher em todo o texto, mas tal funcionamento se destaca logo no trecho inicial: “a elegância de uma mulher é marcada pela sua boa linha, harmonia de toailete e também pelo seu modo de andar. **A importância desse fato não deve escapar a nenhuma mulher.**” Chama a atenção no trecho, o uso do verbo deve, indicando uma ordem, da qual não se pode escapar. Tal verbo revela uma marca discursiva em relação ao sexo feminino, indicando o modo pelo qual é preciso agir para se tornar mulher, em outras palavras, para que alguém se constitua mulher, deve obrigatoriamente se preocupar com a estética, coisa que não deve escapar a nenhuma mulher. A mulher, para ser considerada mulher de verdade (disso não pode escapar), deve seguir os ensinamentos sobre o “andar bem” presentes na reportagem. É a ideologia que constitui, então, a ideia de mulher de verdade (indicando as coisas das quais ela não pode escapar), condicionando as mulheres a se colocarem na posição daquelas que fatalmente se preocupam com a estética. Retomando as ideias de Pêcheux (2009), a noção de mulher não equivale aqui, àquela que é representante do sexo feminino, apenas. O sentido de mulher é discursivizado, ganhando, então, outras nuances: a mulher não é apenas o ser humano do sexo feminino, mas é aquela que se preocupa com a beleza, que anda de determinado modo, que cuida dos problemas estéticos (como vemos na imagem, uma perna feminina, exposta aos cuidados estéticos, tema que se repete na reportagem e durante toda a revista).

Para ser mulher, ou ao menos, para ser a mulher construída pela revista, fruto das posições ideológicas representadas por este veículo midiático, ela terá que andar “graciosamente”, o que a fará entrar no grupo das mulheres elegantes e belas. Retomamos aqui a ideia de Foucault (1987) sobre a

domesticação do corpo, uma vez que para alcançar um andar gracioso, a mulher precisará seguir alguns passos, elencados na reportagem: “Para ter seus movimentos livres, uma mulher **deve ter as pernas ágeis, os tornozelos leves, os pés em perfeito estado.** Durante a toailete, **você fará bem em esfregar os pés com uma escova, a fim de ativar a circulação do sangue e desembaraçar a pele das células mortas**”.

Retomando as ideias de Foucault (1987) sobre a disciplina, notamos que há no trecho em destaque todo um ritual que deve ser seguido para alcançar o objetivo de ter um andar gracioso. O corpo é coagido a se tornar leve, os pés devem estar em perfeito estado. As expressões “você fará bem”, “deve ter pernas ágeis” etc, indicam o tom de ordem, da qual a mulher não pode fugir. O comportamento também é moldado: é preciso esfregar os pés com uma escova, para evitar problemas de circulação. Há aí o atravessamento do discurso científico em relação à questão da manutenção de uma boa saúde, mas tal objetivo não é o primordial, já que a manutenção de uma boa circulação nos pés está à serviço da estética, de um certo modo de andar. O uso dos verbos no imperativo indica esse funcionamento da disciplina do corpo.

A tentativa de homogeneização do corpo, tornando-o padronizado, também é visível na última parte da reportagem no trecho que diz: “a extremidade das unhas deve ter um formato arredondado. Nem muito longa, nem muito curta (...) tome os pés entre o polegar e os quatro dedos da mão e, alternativamente, com uma das mãos, pois a outra deverá massagear o pé, passe os dedos sobre o tornozelo. Massageie igualmente o tornozelo e o calcanhar”.

Ao estabelecer o formato das unhas e ao indicar os passos que devem ser atingidos para que se tenha um andar gracioso, percebemos o modo de construção do corpo feminino, a partir da coerção: a mulher que não possuir as unhas no formato indicado ou aquela que não fizer a massagem como explicitado na reportagem, não alcançará o objetivo do bom andar e poderá sofrer sanções como ser vista como uma mulher



deselegante, feia, desajeitada, estando fora da ideologia dominante sobre a beleza da época.

O tema do andar corretamente é retomado ainda em junho de 1955, na revista. Nesse período, aparece novamente outra reportagem sobre como andar bem, agora com a indicação de exercícios e treinamentos que a mulher deve fazer em casa até aprender a andar perfeitamente. A reportagem é acompanhada da seguinte imagem:



Figura 3 - Fonte: Jornal das Moças, junho de 1955.

Mais uma vez, vemos o funcionamento discursivo da ideologia na construção da feminilidade: a mulher que não sabe andar segundo os padrões da época, era considerada feia. Isso é percebido logo no título da reportagem em que há o enunciado: um andar sem graça prejudica a beleza. Assim, ser mulher, segundo a formação discursiva da beleza como fundamental para as mulheres, estampada na revista, é saber andar graciosamente.

Mais uma vez, há a apresentação de técnicas e exercícios para o andar bem: “a linha do corpo deve ser cultivada como um jardim”, o que mostra a construção do corpo a partir dos padrões de beleza da época.

**P**OSSUI um belo rosto, formas proporcionais e harmoniosas e uma perfeita estatura, tudo isso não é suficiente para que uma mulher possa ser considerada elegante. É importante também saber a melhor maneira com que apresentar as formas e os valores físicos de seu corpo. Nesse sentido, dizem os estudiosos do assunto que uma das questões fundamentais a ser resolvida é a que se refere ao andar, que deve obedecer a movimentos harmoniosos. O corpo precisa manter-se reto, completamente vertical, sem, no entanto, nenhum artifício, com o aspecto mais natural possível.

Nas escolas de modelos de alta-costura, bem como nos cursos para artistas que se destinam ao teatro ou ao cinema, e ainda as futuras bailarinas e coristas, as alunas treinam continuamente os exercícios de aprimoramento do andar. Além da importância profissional que oferece uma boa maneira de andar, existe também a importância desse fator para aumentar a beleza e a apresentação da mulher elegante.

#### MÉTODO EFICAZ

Até agora, o método mais conhecido e julgado melhor consiste em se aprender a caminhar com o corpo reto, equilibrando um livro, não muito volumoso, colocado sobre a cabeça. Os especialistas em beleza feminina recomendam a adoção de tal exercício, que poderá ser feito nas horas vagas, seja na cozinha ou na sala-de-estar, desde

Figura 4/ Exemplo 2 - Fonte: Jornal das Moças, junho de 1955

Observemos o que diz o trecho da reportagem aqui exemplificado na figura 4:

Possuir um belo rosto, formas proporcionais e harmoniosas e uma perfeita estatura, tudo isso não é suficiente para que uma mulher possa ser considerada elegante. É importante também saber a melhor maneira com que apresentar as formas e os valores físicos do seu corpo. Nesse sentido, dizem os estudiosos do assunto que uma das questões fundamentais a ser resolvida é a questão do andar que deve obedecer a movimentos harmoniosos. O corpo precisa manter-se reto, completamente vertical, sem, no entanto, nenhum artifício, com o aspecto mais natural possível.

Nas escolas de modelos de alta costura, bem como nos cursos para artistas que se destinam ao Teatro ou ao Cinema, e ainda às futuras bailarinas e coristas as alunas treinam continuamente os exercícios de aprimoramento do andar. Além da importância profissional que oferece uma boa maneira de andar existe também a importância desse fator para aumentar a beleza e a apresentação da mulher elegante.

#### MÉTODO EFICAZ

Até agora o método mais conhecido e julgado o melhor consiste em aprender a caminhar com o corpo reto, equilibrando um livro não muito volumoso colocado

sobre a cabeça. Os especialistas em beleza feminina recomendam a adoção de tal exercício que poderá ser feito nas horas vagas seja na cozinha ou na sala de estar, desde que as mulheres evitem andar sobre tapetes.

Além de possuir um rosto bonito, estatura adequada e corpo com formas harmoniosas, a mulher deveria ser elegante para entrar no rol das mulheres bonitas (“Possuir um belo rosto, formas proporcionais e harmoniosas e uma perfeita estatura, tudo isso não é suficiente para que uma mulher possa ser considerada elegante...”) Assim, há uma retomada da ideia que estava circulando no exemplo anterior, da revista de 1952: a mulher, para ser bonita, deveria ser elegante e, ser elegante, significava saber andar de forma harmoniosa. O enunciado citado anteriormente mostra a enorme cobrança colocada sobre as mulheres: elas precisavam ser bonitas e desejadas, seguindo rituais de domesticalização do corpo. O sentido da mulher deriva da formação discursiva que considera a beleza como fator fundamental, uma vez que, como já diziam Pêcheux e Fuchs (1997), os sentidos derivam das formações discursivas com as quais os sujeitos se identificam. E, no caso da revista, a formação discursiva da beleza como fundamental à mulher era a dominante e a mais difundida. Havia aí uma retomada da ideia de que era “obrigação da mulher ser bonita”. Ora, se à mulher não era legítimo realizar muitas tarefas fora de casa, deveria se cuidar em casa, para que pudesse manter o casamento ou atrair os olhares de futuros pretendentes (caso fosse solteira), daí a ideia dos exercícios propostos poderem ser feitos no ambiente doméstico.

A mulher construída nesse trecho deveria se assemelhar às modelos, ter rosto e corpo belos. Tal discurso ainda é comum nos dias atuais, apesar de vermos movimentos de contraidentificação e desidentificação dos sujeitos ao romperem com essa ideia e reivindicarem a valorização da beleza natural e não presa a modelos. Vemos a repetição da ideia de que a mulher deve se preocupar com a beleza, num funcionamento ideológico que liga o mundo feminino ao mundo da beleza física e silencia a possibilidade de ligação do

mesmo com outros temas que não sejam beleza e lar. Tal repetição nega, através do silenciamento, às mulheres da época a possibilidade de participação em processos políticos e sociais e as reduzem aos cuidados com a estética e a aparência física.

As condições de produção da época permitiam que houvesse a supervalorização da beleza física e a pouca valorização do desempenho intelectual feminino, uma vez que se considerava que as mulheres tinham capacidade intelectual inferior a dos homens, aos quais cabia a preocupação com temas de relevância social e política.

A construção do sujeito mulher passa mais uma vez pela construção do corpo, que deve ter “formas harmoniosas e estatura perfeita”, e do treinamento que pressupõe a aprendizagem do modo de andar com leveza e elegância. Mais uma vez retomados a ideia de Foucault (1987) quando o autor ressalta a questão do treinamento e da repetição que são elementos utilizados para disciplinar o corpo. Neste caso, o treinamento consiste na repetição do exercício de andar com o livro sobre a cabeça para atingir movimentos leves, comparando as mulheres comuns a bailarinas, artistas de cinema ou de TV. Isso fica visível no trecho: “nas escolas de modelos de alta costura, bem como nos cursos para artistas que se destinam ao Teatro ou ao Cinema, e ainda às futuras bailarinas e coristas as alunas treinam continuamente os exercícios de aprimoramento do andar.” Assim, o corpo coage a mulher que, para entrar na cadeia da mulher bonita, é produzida, a partir da coerção de seus movimentos corporais, através do modo de andar.

No trecho: “Os especialistas em beleza feminina recomendam a adoção de tal exercício que poderá ser feito nas horas vagas **seja na cozinha ou na sala de estar**” indica, a partir do enunciado seja na cozinha ou na sala de estar, o lugar efetivamente ocupado pelas mulheres da época: Na impossibilidade de romper com o ambiente doméstico, os exercícios do “bom andar” deveriam ocorrer dentro de casa, na cozinha ou na sala.

As duas reportagens mostram o funcionamento do interdiscurso (a partir dos já ditos sobre a feminilidade) que se

materializa nos enunciados deixando pistas do modo como a mulher era vista na época. A mulher é construída a partir da coerção dos seus movimentos corporais: para ser “mulher de verdade” deve andar de determinado modo, restringindo os movimentos, treinando a elegância. Ela é um produto dessa coerção que, inclusive, não se aplica aos corpos masculinos.

### Considerações finais

Como podemos observar a partir das materialidades analisadas, a construção da feminilidade na década de 50 passa pela docilização do corpo da mulher e também pela inserção da mesma nos lugares “naturalizados” pela ideologia: a esfera doméstica, a casa, a cozinha. O cenário do casamento, com a ideia de que a mulher deve ser responsável por atrair um bom noivo, a partir do cultivo da vaidade e da beleza, mostra a construção ideológica de que o destino natural da mulher é o casamento e o lar.

A partir da inserção de trechos do discurso científico sobre o cuidado com a saúde, constrói-se a ideia de beleza como fundamental à mulher e, ao mesmo tempo, silencia-se a possibilidade de que ela tenha outras qualidades tais como o desenvolvimento intelectual. Assim, a Revista funciona como instrumento de difusão ideológica responsável por colocar os sujeitos nos seus “devidos lugares”, diferenciando homens e mulheres com base nas suas características físicas e sociais.

A docilização do corpo feminino, no que diz respeito ao modo “elegante” ou “correto” de andar mostra a forma como é construída a imagem da mulher, que, através de exercícios e treinamentos, vai ter o corpo domesticado para se adequar aos padrões de beleza da época.

### Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: notas sobre os Aparelhos

Ideológicos do Estado. Rio De Janeiro: Edições Graal, 1985.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2 ed. São Paulo, vol 2.: Difusão Européia de livors, 1967.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GADET, Françoise.; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al., 2. ed., Campinas, SP: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 61 - 105.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine . A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET; HAK (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed., Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163 -252

*Recebido em: 11 de julho de 2015.*

*Aceito em: 28 de outubro de 2015.*